



INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARIA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Maria do Carmo de Santana

Paper 1 – Florianópolis 10 de abril de 2021.

O MOVIMENTO DE REGRESSÃO E PROGRESSÃO DA LIBIDO NO ATO CRIATIVO, PELO VIÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

“O anseio criativo vive e cresce dentro do homem
como uma árvore no solo do qual extrai seu alimento”
(JUNG, OC 15 § 115)

Pretendemos entender, no decorrer deste trabalho, qual a dinâmica psíquica que mobiliza um processo criativo e em que ela pode contribuir para manter o equilíbrio mental. Para isso, investigaremos o conceito de libido e o movimento de progressão e regressão da energia psíquica – considerando que, neste contexto, “libido deve ser o nome da energia que se manifesta no processo vital e é sentida subjetivamente como aspiração e desejo” (JUNG, [1971]1990, § 282) –, a partir do poema “O encontro”, do livro *Folhas Soltas* (SANTANA, 2014). Com base neste poema, buscamos compreender como a união dos opostos pode contribuir para minimizar momentos de estresse e, também, melhorar a qualidade das atividades intelectuais.

O ENCONTRO

Caminhamos em direção ao encontro
E nem sempre percebemos a chegada
Algumas vezes tropeçamos, mas
De olhos fechados, não sabemos no que
Outras vezes mudamos o trajeto e nos dispersamos no tempo
Sem passado, sem presente, sem futuro: o nada
E a vida nos sacode!
E num lampejo rápido, nos percebemos vivos;
E somos tocados pela magia da existência que nos faz sentir
E ao sentir nos percebemos caminhando novamente
Em direção ao encontro
Tão longe de nós estamos
Que sabemos onde queremos chegar,
Mas não sabemos mais quem é o caminhante
E nesse distanciamento do Eu
Andamos em círculo, mas em direção ao centro
O início de onde saímos e para onde voltamos.
A procura do Eu

Neste poema, o eu lírico expressa o processo de individuação, por meio de dúvidas e anseios, bem como a dificuldade de encontrar atitudes conscientes adequadas para lidar com as inesperadas demandas do inconsciente. Nos primeiros versos: “Caminhamos em direção ao encontro / E nem sempre percebemos a chegada / Algumas vezes tropeçamos, mas / De olhos fechados, não sabemos no que / Outras vezes mudamos o trajeto e nos dispersamos no tempo”, percebe-se um estado de consciência que nos revela uma condição de estagnação e “com isto cessa também a progressão da libido, [...] há um represamento da libido. A situação de represamento se caracteriza pela *separação dos pares de opostos*” (JUNG, OC 8/1, § 61). Esta falta de conexão entre consciente e inconsciente, ou seja, os pares de opostos, resulta na estagnação, impedindo, portanto, o fluxo produtivo.

Nestes momentos, a criatividade, presente nas múltiplas capacidades do ser humano, é o que pode facilitar novamente este fluxo de energia. Falar de criatividade nos convida a percorrer um imenso caminho com diversas ramificações, cuja direção depende da busca de cada um em particular. Pois, no ato criativo, há um aspecto de incontínência e imprevisibilidade, ou seja, independe da vontade e da intenção, justamente, por tratar-se de um complexo autônomo, conforme Jung (OC 15 § 122) ao denominar “a obra *in statu nascendi* como um complexo autônomo”. Dessa forma, é no ato criativo que o complexo libera a energia nele constelada.

Ao trazer o termo energia, um tema bastante abrangente, pretendemos fazer um recorte e considerar para este trabalho apenas o conceito de energia psíquica e

sua função no ato criativo. Para melhor compreensão, a ideia de energia que trazemos no trabalho “não é a de uma substância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações de movimento” (JUNG, OC 8/1 § 3). E é neste movimento para o qual vamos focar nosso olhar, o movimento da libido. Após seus estudos sobre a dinâmica psíquica, Jung considera que a “libido deve ser o nome da energia que se manifesta no processo vital e é sentida subjetivamente como aspiração e desejo” (JUNG, OC 4 § 282), ou seja, ela é a força motriz para mobilizar um processo criativo.

Nesse sentido, percebemos nos versos, a seguir, que para sair da estagnação, do “nada”, surge um lampejo de vida. É quando a alma se faz presente. “Sem passado, sem presente, sem futuro: o nada / E a vida nos sacode! / E num lampejo rápido, nos percebemos vivos; / E somos tocados pela magia da existência que nos faz sentir”. Este é o momento em que a consciência regride e dá espaço para a alma despertar no ato criativo.

Neste ato, estão contidos dois elementos opostos que permutam entre si buscando autoregulação da psique, a progressão e a regressão da libido (cf. JUNG, OC 8/1).

A progressão tem por finalidade a adaptação ao meio ambiente em constante mudança. Portanto, solicita um esforço da consciência por tratar-se de uma atitude dirigida e unilateral com ênfase na função pensamento, tendo que abdicar da atitude afetiva. Nesta perspectiva, Jung reflete que

poder-se-ia pensar, então, que a *progressão* consiste em satisfazer continuamente as exigências das condições do mundo ambiente. Como só se consegue este resultado por meio de uma atitude que, enquanto tal, é necessariamente dirigida e por isto implica uma certa unilateralidade. (JUNG, OC 8/1, § 61)

Este movimento unilateral conduz ao desequilíbrio psíquico causado pela separação dos pares de opostos que poderá resultar no fenômeno de dissociação. Jung (OC 8/1, § 64) adverte que “se eu me oriento pelo pensamento, não posso me orientar ao mesmo tempo pelo sentimento”, portanto, uma escolha sempre implica uma exclusão. Uma das funções reprimida fica represada, porém, exerce uma pressão ao consciente, gerando um colapso no movimento de progressão. Embora a consciência resista em aceitar conteúdos regressivos, há momentos em que é preciso render-se, para evitar uma estagnação.

Enquanto a progressão está voltada para adaptação ao ambiente externo, “a regressão, ao invés, enquanto adaptação às condições do próprio mundo interior, assenta na necessidade vital de satisfazer as exigências da individuação” (JUNG, OC 8/1 § 75). Nessas circunstâncias, entra em ação a função sentimento, como pode ser visto nos seguintes versos do poema, “E ao sentir nos percebemos caminhando novamente / Em direção ao encontro”.

Este movimento fala do encontro com o si-mesmo, a individuação. No caminhar, muitas vezes, precisamos parar para sentir, pois “a regressão conduz à necessidade de adaptação à alma, à adaptação ao mundo interior da psique” (JUNG, OC 8/1 § 66).

É nesta compensação das funções, ora se adaptando às atividades do cotidiano, ora dando espaço para as necessidades da alma que a psique pode se manter sadia ao realizar a união dos opostos, a serviço da individuação.

Jung ainda complementa que no “inconsciente está a semente criadora do futuro e a fonte de todas as fantasias construtivas” (JUNG, OC 4 § 761), portanto, é daí que vem os alimentos com os quais nossa psique se nutre e produz arte.

O poema analisado foi escrito no período em que a autora cursava psicologia. Ele foi criado em momentos de muito estresse para a autora, que, muitas vezes, passava madrugadas escrevendo os trabalhos do curso. Nessas circunstâncias, quando a “função pensamento” já não atendia mais as necessidades do Ego, se fazia necessária uma pausa para a criação. Desse modo, era quando se revertia a situação, isto é, o processo e a função sentimento podia entrar em ação ao escrever poesias, liberando assim, o fluxo da imaginação que transbordava da alma.

Em seguida, o movimento de progressão se recarregava e surgiam as ideias para atividade intelectual dirigida, necessária ao processo de adaptação. Dessa forma, ao aliviar a tensão interna, melhorava a capacidade produtiva para atender as demandas do ambiente. Conforme Jung,

nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual, quando irrompe, pode ter consequências desagradáveis. (JUNG, OC 8/2 § 139)

Neste sentido, entendemos que exercer atividades que permitam a livre expressão, sejam através da escrita ou das artes, em suas mais variadas formas,

preserva a saúde psíquica e permite que o indivíduo tenha mais qualidade produtiva nas funções de adaptação do Ego.

Jung, embora não tenha se considerado um artista, sempre conviveu com a arte. Nos momentos mais difíceis de sua vida se valia de seu talento artístico para se nutrir com os recursos vindos do inconsciente e, assim, manter seu equilíbrio psíquico. Neste sentido, ao referir-se à arte, o analista prossegue

apesar de sua incomensurabilidade existe uma estreita conexão entre esses dois campos que pede uma análise direta. Essa relação baseia-se no fato de a arte, em sua manifestação, ser uma atividade psicológica e, como tal, pode e deve ser submetida a considerações de cunho psicológico; pois, sob esse aspecto, ela, como toda atividade humana oriunda de causas psicológicas, é objeto da psicologia. (JUNG, OC 15 § 97)

Já na Pré História, a arte rupestre era utilizada como forma de expressão, desse modo, a arte nasce com o homem e dele não se deve separar, pois o conecta com sua alma.

Segundo Jung (2008, p. 23), “um dos acidentes mentais mais comuns entre os povos primitivos é o que eles chamam ‘a perda da alma’ – que significa, como bem indica o nome, uma ruptura (ou mais tecnicamente, uma dissociação) da consciência”. Nesta perspectiva, percebemos tal ideia nos seguintes versos do poema: “E nesse distanciamento do Eu / Andamos em círculo, mas em direção ao centro / O início de onde saímos e para onde voltamos, / A procura do Eu”.

Esta busca da realização do eu lírico envolve sofrimento pois há momentos cruciais em que o indivíduo se depara com um jogo antagônico de difícil escolha. De um lado o inconsciente precionando a abrir caminhos para atendermos o apelo da alma e de outro o consciente tendo que decidir sem abalar a estrutura da personalidade até então construída. Estes movimentos tem como finalidade última o que Jung diz: “tornar-se o que é”, isto é, individuar-se. Sendo este o principal objetivo da análise.

Assim sendo, com este estudo pudemos perceber que a arte e a psicologia analítica seguem juntas, pois, ambas estão a serviço da alma e se utilizam de conteúdos subliminares à consciência, ou melhor, conscientemente e inconscientemente, elas mantêm um diálogo entre si, visando a união dos opostos, pré-requisito para individuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl Gustav. **A Energia Psíquica**, Obras Completas Vol. VIII/1. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**, Obras Completas Vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**, Obras Completas Vol. XV. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**, Obras Completas Vol. IV. Petrópolis: Vozes, 1990.

SANTANA, Maria do Carmo. **Folhas soltas**: ensaios e poesias. Joinville: Gráfica Dialogar, 2014.